

BAPTISMO:

Marca de uma identidade, proposta de um caminho, anúncio de um destino

No tempo, no contexto cultural e no ambiente religioso em que vivemos, o que marca, imediata e profundamente, a identidade do cristão é a consciência de ser um ser crente no meio de um mundo que se identifica pela descrença, laicidade e secularidade. Ainda há pouco tempo, numa sociedade majoritariamente cristã e num ambiente cultural inspirado nos valores cristãos, ser crente era tão natural e espontâneo como ser pessoa humana. Anormal e anacrônico, a supor uma opção contra os valores civilizacionais envolventes, era o ser-se descrente, de tal maneira que os não crentes, ou mesmo os não praticantes eram identificados, reconhecidos e até apontados a dedo. E por isso, como se perguntava há um século atrás o teólogo Dietrich Bonhoeffer, “que sentido tem uma Igreja, uma paróquia, uma pregação, uma liturgia e uma moral cristã, num mundo sem religião? Como falar de Deus sem religião, isto é, sem as premissas, temporalmente condicionadas, da metafísica e da interioridade?”¹ Esta exagerada *secularização* tem levado muitos cristãos a não considerarem o Baptismo como aquele rito sagrado que liberta das forças do mal e protege com as forças do bem, convicção subjacente ao conceito de “*Batismo do medo*”,² que caracterizava a prática de outros tempos, o que levava muitos familiares a

¹ Teólogo e Pastor Luterano, Dietrich Bonhoeffer foi um resistente ao nazismo, identificando-se com os que sofriam perseguições de um regime que se afirmava mentor da própria religião, e em nome da própria religião. Célebre a sua afirmação: “Só os que gritam ao lado dos judeus têm direito a entoar cantos gregorianos”. Acusado de implicação num atentado falhado contra Hitler, perseguido e refugiado em vários lugares, foi executado por enforcamento no campo de concentração de Flossenbürg, a 9 de Abril de 1945. Grande parte da sua doutrina encontra-se nas Cartas escritas durante o cativeiro e reunidas em *Resistência e Submissão*.

² No que diz respeito ao pecado original, embora esta verdade ainda seja aceite, já não pesa tanto ao pedir o batismo, nem parece estar rodeada de exigências preventivas ou purificadoras como antes. A bondade e dignidade da realidade criada, e especialmente do recém-nascido, é aceite sem dificuldade pela grande maioria dos cristãos, e o pecado original não é obstáculo a este reconhecimento. A necessidade do batismo para a salvação também é sentida hoje de forma diferente do que era noutros tempos. A maioria dos cristãos acredita que as crianças devem ser batizadas, mas também aceitam que as crianças podem ser salvas quando o batismo em água não foi possível. Deus “não pode permitir a condenação de uma criatura inocente.” A graça é mais do que pecado, e o amor mais do que o castigo. Por outro lado, o “limbo das crianças” deixou de ser influente na fé batismal dos fiéis. A incorporação ou agregação na Igreja também é vivida de uma nova forma. A busca por proteção social e prestígio já não é tanto dominante, mas sim os laços de pertença. De um modo geral, a eclesiologia do batismo ganhou dimensão comunitária e consciência social. E não há receio da marginalização do grupo dos não batizados. Antes, expressa-se respeito pela decisão tomada, ou apoio comunitário ao processo de Batismo (Cfr. DIONISIO BOROBIO, *Pastoral de los Sacramentos*, Ed. Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, p. 132-133; WALTER KASPER, Baptismo de niños: si o no?, in *La Liturgia de la Iglesia*, p. 183-184 e CASPANI/ SARTOR, “O Batismo das Crianças”, em *Christian Initiation*, p. 106-119.

baptizarem as crianças de urgência, com medo de que pudessem morrer sem serem batizados.³ Hoje, os males são prevenidos não tanto com ritos protetores, mas sim com prevenção, acompanhamento, regulação e cuidados médicos. Por outro lado, a valorização do sujeito e a exaltação da liberdade, ao colocar a ênfase na intervenção e participação e na responsabilidade pessoal, familiar e comunitária, estão também a dar origem a uma mudança considerável no que diz respeito ao momento e às situações do pedido e celebração do Baptismo.⁴ Se, no passado, o desejo de libertar a criança do pecado original e garantir a sua salvação eterna levavam ao pedido do Baptismo “o mais rápido possível”, hoje, porque a mortalidade infantil não é tão frequente e, acima de tudo, face à convicção de que Deus é bom e não pode condenar os inocentes, a “necessidade do Baptismo” não é percebida da mesma forma.⁵ Não se podendo propriamente generalizar este tipo de comportamento, é evidente que o *secularismo* e *personalismo* acentuados do nosso tempo, juntamente com a crença na bondade de toda a criação, ao libertar o Baptismo de certos “exageros” e “práticas”, estão a conduzir a uma pluralidade de novas situações que exigem novas respostas litúrgicas e pastorais. Actualmente, encontramos Baptismos em todas as idades, (recém-nascidos,

³ A decisão de batizar as crianças foi “a decisão mais importante de toda a História da Igreja”. Embora não tenha sido devidamente compreendida como tal, esta decisão teve consequências mais importantes do que a frase paradoxal: *In hoc signo vinces* [Com este sinal vencerás], pela qual “o sinal da impotência divina haveria de marcar a entrada da Igreja no terreno do poder mundano”. A prática do Baptismo na idade infantil, que conseguiu prevalecer, pode ser considerada o início autêntico da era constantiniana. Deu início a um Cristianismo ao qual “não se escolhe aderir, mas no qual se nasce inconscientemente, de forma análoga à forma como as crianças foram incorporadas no povo ‘carnal’ da promessa”. O batismo das crianças tornou-se a base do conceito de uma “Igreja de massas” (*Volkskirche*). Por “Igreja das massas” entende-se a forma como a Igreja se manifesta, onde “o povo e a Igreja, o *imperium* e a *igreja* formam uma unidade, de facto, coincidem na prática. Quem nasceu numa determinada aldeia tornou-se automaticamente membro da Igreja” (WALTER KASPER, *o. cit.*, p. 147).

⁴ “Na nova religião do “mercantilismo” os Sacramentos são os produtos comerciais que aparecem na publicidade envoltos numa bela e atraente simbólica venal carregada de mensagens subliminares, geradoras de desejos a serem satisfeitos e voltados para o consumo...” (WALTER BANJAMIM). Procuro dar a esta abordagem do tema uma dimensão positiva, não me detendo a escarpelizar ou criticar simplesmente situações, práticas e ideias muito presentes hoje em dia nos pais que “pedem” ou até “exigem” o Baptismo para os seus filhos por meras convenções sociais ou imposições familiares, por favores devidos a amigos que escolhem para padrinhos, sem o mínimo de condições, o mero interesse em fazer uma festa de exibição das suas vaidades, o impacto deste tipo de eventos nas redes sociais, etc...

⁵ Hoje, pertencer à Igreja e, ainda mais, o apego confessional a ela, por um lado, e pertencer a um determinado povo ou a uma certa sociedade, por outro, coincidem cada vez menos. Ser cristão torna-se cada vez mais uma questão de escolha pessoal. Do ponto de vista da História da Igreja, portanto, é compreensível que a prática do Baptismo das crianças esteja novamente a ser questionada hoje. Neste aspecto, porém, trata-se de mais do que o fenómeno isolado do babismo infantil. O que está em jogo é a forma e a estrutura da Igreja do futuro... as Igrejas de hoje têm a possibilidade de compreender e realizar mais profundamente a sua essência especificamente cristã. Por esta razão, o nervosismo e sensibilidade com que o problema do Baptismo das crianças é frequentemente abordado só são compreensíveis se considerarmos que a própria Igreja depende completamente do sistema da Igreja de massas.” (WALTER KASPER, *La Liturgia de la Iglesia*, Ed. Sal Terrae, Santander, 2015, p. 148).

bebés, crianças, adolescentes, jovens, adultos...), e também diferentes atitudes de fé na base de tal pedido: crentes praticantes, crentes não praticantes, indiferentes, convertidos, resultantes de matrimónios mistos (católico com cristão não católico) ou de disparidade de culto (católico e não cristão, incluindo muçulmanos), com as naturais consequências acerca da religião em que vão educar os filhos, ao lado de diferentes situações matrimoniais e familiares (casais normais, separados, divorciados que voltaram a casar, mães solteiras ou viúvas, casados apenas civilmente, uniões de facto, etc.). Em contrapartida, poderíamos afirmar que as situações mencionadas vêm fomentando nos crentes a maior valorização do Baptismo como opção de fé, e não tanto como rito resultante de um hábito; responsabilidade quanto ao futuro, e não apenas como gesto religioso do presente.

1. O Baptismo é fundamento e marca da identidade cristã

[Dimensão Antropológica]

“O homem mítico via a realidade "cheia do divino" (Tales de Mileto), percebendo por todo o lado símbolos do divino carregados de realidade, e o homem de pensamento metafísico descobriu em todas as coisas sensatas traços análogos do espiritual e transcendente.⁶ Acreditar em Deus fazia parte das coordenadas fundamentais da interpretação do mundo e do homem. Porém, a pouco e pouco, devido a diversos factores, como o incremento das habilitações educacionais e culturais, o acesso generalizado a recursos científicos e tecnológicos, com o bem-estar generalizado, por vezes consumista, passou a explicar-se o mundo e o homem a partir do próprio homem, à luz da ciência, ou mesmo em função de outras coordenadas que marcam as motivações da vida de cada um: a felicidade não é já algo pelo qual se luta até a encontrar numa vida do além, mas a realização, aqui e agora, de todas as ambições e desejos da pessoa. Nesse contexto, Deus foi perdendo aquele lugar indispensável que ocupava, como fonte de sentido global do universo e da vida, e meta da verdadeira felicidade. “O homem da era tecnológica experimenta a realidade de uma forma consideravelmente mais racional e funcional. Ele acha difícil perceber porque é que algumas gotas de água caíram na testa de um bebé recém-nascido.⁷ Se, em tempos, negar Deus era abrir o problema insolúvel da explicação do mundo e do homem, hoje negar Deus parece não criar nenhuma espécie de problema, pois o mundo e o homem vão-se, de uma forma ou de outra, explicando a partir do homem, única fonte de sentido da sua existência, do mundo e da história.⁸ Porém, o sentido da vida humana

⁶ *Idem*, p. 87).

⁷ *Ibidem*.

⁸ Cfr. MANUEL ISIDRO ALVES, “Do discípulo ao cristão” in *Communio*, 1 (1984), p. 47-53.

bem como as atribuições e capacidades da pessoa, que a fé procura esclarecer e aprofundar, para além do contributo inestimável das ciências e da técnica, exige um olhar diferente, transcendendo as capacidades meramente humanas e os dados imediatos proporcionados pelos sentidos à inteligência.

Além de tudo isto, não devemos ignorar que os cristãos foram sempre uma minoria no seio das sociedades e parece que o caminho que hoje deveremos seguir é o de uma nova tomada de consciência acerca dessa condição de minoria. Sem esquecer a relação com os outros, na medida em que o cristão se realiza em comunidade, e não se isolando do mundo, mas assumindo as responsabilidades da sua cristianização – temas que encontrarão resposta adiante – o cristão deve assumir-se também na sua individualidade, evitando a tentação de tudo esperar dos outros, superando aquela tentação tão dos nossos meios de se limitar a criticar os que algo vão fazendo na melhor das intenções. “O que deveis pedir para mim é apenas que eu tenha fortaleza interior e exterior, para que seja firme não só no falar, mas também no querer, para que seja cristão não só de nome, mas de facto”.⁹ Este foi o pedido, que é um lema de vida, deixado em testamento por Santo Inácio de Antioquia quando era conduzido a Roma sob prisão para ser martirizado. Aliás, uma ideia constante ao longo dos escritos deste santo varão do séc. I, apontando para a necessidade de uma dimensão pessoal da vivência da fé.¹⁰

A simples corporeidade do homem exige a expressão adequada para estabelecer a comunicação com o mundo e com os outros, e as nossas relações sociais dependem cada vez mais de um conjunto de elementos, de sinais, e de convenções que acabaram por criar formas de linguagem até há pouco insuspeitadas; estamos a regressar a uma espécie de primitivismo facilmente confundível com modernidade: quem pode ignorar hoje em dia o significado e a importância de um simples *emoji* ou de algumas siglas e abreviaturas que fazem parte de comunicação habitual entre os mais jovens e não só?... Por outro lado, foram-se criando também códigos, linguagens, que de certo modo definem determinados grupos, de tal modo que, compreensíveis no seu interior, escapam ao alcance dos outros que são “de fora”. Ora é precisamente nesse domínio da linguagem, mais ainda, da relação entre símbolo e palavra,¹¹ que se situa a nossa apreensão do sobrenatural, ou seja, no domínio do *simbólico*, conceito outrora perfeitamente acessível a todos, mas hoje em dia cada vez mais estranho para o

⁹ SANTO INACIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, 3,1-5-2.

¹⁰ Cfr. ENRICO GHEZZI, *Quale futuro per i Sacramenti? Nuove proposte pastorali*, Ed. Ancora, Milano, 2013; ANDREA GRILLO, *La forma rituale della fede cristiana; Teologia e Liturgia dei Sacramenti agli inizi del XXI secolo*, Ed. Il Pozzo di Jacobbe, Trapani, 2011.

¹¹ “Na actual transformação radical de todas as formas tradicionais e símbolos secundários, já não pode haver uma relação imediata ingénua com a realidade, mas apenas uma *imediaticidade* mediada pela reflexão” (WALTER KASPER, *o. cit.*, p. 99).

comum das pessoas. Nesse contexto se situa a chamada ritualidade. A propósito, ocorre-me um pequeno texto de *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry, um diálogo ente e Príncipezinho e a raposa: “O que é um ritual? – perguntou o Príncipezinho – a raposa respondeu da seguinte forma: - É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias e uma hora diferente das outras horas; os meus caçadores, por exemplo, possuem um rito: Dançam na Quinta-feira com as moças da aldeia; a Quinta-feira, então, é um dia maravilhoso. Vou passear até à vinha. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, então todos os dias seriam iguais e eu não teria férias”. Os sacramentos e, em particular, o Baptismo, mas também toda e qualquer celebração religiosa, litúrgica, cultural, exprimem-se precisamente nesse domínio de linguagem, de significados, de sinais, onde elementos perfeitamente reconhecíveis na vida corrente e de compreensão imediata – objectos ou palavras ou mesmo práticas – revestem um significado que vai para além da sua materialidade, da sua compreensão imediata. Um Sacramento e um “sinal sacramental” é precisamente uma expressão *simbólica* em acção, em correspondência com a natureza simbólica do homem, através da qual ocorre a intercomunicação dos diferentes caracteres que compõem o sacramento: Deus, Igreja, sujeito. Se assim for, podemos dizer que, embora o sacramento, como evento salvador, tenha origem em Deus e só Nele, como realidade simbólica responde a uma necessidade do próprio homem. Por isso, a resposta à grande questão acerca do significado, importância e valorização do Baptismo na vida das pessoas, hoje em dia, depende precisamente da redescoberta e do reencontro com a dimensão simbólica que, tendo sido incrementada pelos recursos comunicacionais hoje disponíveis e de que falámos acima, se desviou completamente daqueles que já faziam parte do património comum enquanto sociedade alicerçada em raízes claramente cristãs.¹² Quer dizer, perante palavras, gestos, atitudes, objectos, elementos, utilizados no contexto das nossas celebrações e destinados a uma melhor compreensão da realidade da pessoa, a maioria daqueles que as presenciam ou nelas se integram, sente-se claramente “de fora”.

Por tal motivo, o ponto de partida para uma verdadeira compreensão do Baptismo e da sua importância para a vida humana deve estar numa educação simbólica dos novos crentes, a partir do simbolismo humano fundamental.¹³ Os símbolos cristãos estão, de

¹² Cfr. WALTER KASPER, *Palabra y Símbolo*, in *La Liturgia de la Iglesia*, p. 87-99; JOAQUIM GANHÃO, “A simbólica na Iniciação Cristã”, in BPL, n. 127, p. 87-100.

¹³ “O essencial da ritualidade humana assenta em quatro bases fundamentais: A primeira consiste na não coincidência do ser humano consigo mesmo nem com a realidade que o rodeia, e na tendência a transcender-se a si mesmo e ao mundo. O princípio da transcendência do ser humano relativamente a si mesmo e ao mundo que o rodeia inscreve-se na sua própria dimensão espiritual. A segunda dimensão consiste no facto de os ritos nos ajudarem a sermos nós mesmos a realizar o nosso ser e a nos aproximarmos do cosmos para o compreender, representar e realizar o seu sentido. A terceira consiste no carácter corporal e temporal do ser humano que não se pode comunicar directa e verticalmente com o mistério, com a transcendência, com o sobrenatural. A quarta, ou a raiz do rito, está na necessidade que o ser humano tem de encontrar uma explicação última da realidade à qual confiar toda a sua pessoa

facto, próximos dos símbolos fundamentais do homem.¹⁴ Os laços criados pela liturgia com nomes de *animais* [pomba, cordeiro], *coisas* [pão, água, vinho, óleo], *objetos* [cruzes, velas, alianças] *natureza* [luz, fogo, água, rochas, plantas], *eventos* [nascimento, relacionamentos, morte], são uma porta de acesso à sua própria humanidade, mas podem conduzir a pessoa humana muito mais além. Afastámo-nos do conceito vulgar de "símbolo", segundo o qual coisas específicas como água, pão, óleo e vinho são símbolos. Isso não seria mais do que uma compreensão muito secundária do símbolo. *Símbolo* é basicamente tudo o que existe e tal como existe na sua referência ao ser humano. Assim, existem apenas símbolos do ser humano e com um olhar para ele; só existem símbolos nas relações do homem com o mundo. Na realidade, não são o pão e o vinho, em si mesmos, que são símbolos, mas sim a sua condição de alimento para a vida humana. Um verdadeiro símbolo, portanto, é o acto de comer, que para o homem é sempre algo mais do que mera ingestão alimentar. Só em relação à comida é que o pão e o vinho se tornam símbolos, só então adquirem um significado que vai além do seu ser.¹⁵ Nas minhas palestras ou conversas com os pais das crianças da Catequese eu costumava dizer que a melhor catequese familiar acerca da realidade singular da Eucaristia, a importância e significado do pão consagrado, poderia assentar na simples compreensão da diferença, para uma criança, entre um bolo que a mãe faz para uma sobremesa comum e um bolo de aniversário.

As celebrações dos sacramentos são um lugar de humanização, de consolidação de relações sociais e familiares, mas são também através do pão, do vinho, da água, da modulação da voz, dos gestos do corpo, do espaço sagrado, da estrutura arquitetónica das nossas igrejas, sua decoração plástica, os materiais como a pedra do altar, a cera do círio pascal ou de uma vela baptismal, o aroma do incenso, algo mais. Sem deixarem de constituir um factor de pertença à terra, tendo em conta a sua dimensão simbólica, levam-nos mais além: dizem-nos que a nossa fé, a nossa confiança nas pessoas, o nosso acreditar nos outros é algo sempre particular, encarnado, limitado... a fé leva-nos mais longe.

Mais ainda: nos Sacramentos, e particularmente no Baptismo, existe mesmo uma dimensão *iniciática*. Todos conhecemos certos ritos de iniciação: as praxes académicas,

– mente, corpo, sentimentos – e uma ética que regule a sua vida” (JUAN JOSÉ TAMAYO ACOSTA, *Os Sacramentos, Liturgia do próximo*, Ed. Paulus, 1998).

¹⁴ O símbolo nunca coincide totalmente com o que é simbolizado: ao mesmo tempo que invoca uma presença, confirma uma ausência. Na “representação” simbólica nunca há coincidência imediata nem com o que se é (aspecto subjetivo) nem com o que se chama ser (aspecto objetivo). No entanto, a coincidência será maior quanto mais o homem se sentir expresso e identificado com o símbolo (*sympathia*). E isso acontecerá na medida em que estes símbolos, como elementos sensíveis ou presença corporal em acção, sejam para ele cheios de conteúdo, sejam inteligíveis e eloquentes, correspondam ao sistema simbólico da sua vida... O homem estará presente no sacramento na medida em que, para ele, este é um símbolo de comunicação e expressão. E o sacramento actuará sobre o homem, do ponto de vista psicológico, na medida em que o homem pode agir de forma comprometida no símbolo. (DIONISIO BOROBIÓ, *o. cit.* p. 69).

certos desafios de grupos por exemplo militares, algumas práticas das sociedades secretas – quem não recorda a *Flauta Mágica* de Mozart? – e outros. A “iniciação” é precisamente uma forma de identificar, conhecer, interpretar e utilizar os *símbolos de um determinado grupo*. No nosso caso falamos do grupo de *cristãos*, a que chamamos *Igreja*, duas simples palavras que carregam consigo também uma especial carga simbólica.¹⁶ O simbolismo cristão, mesmo que tenha uma dimensão humana fundamental, assenta numa dimensão histórica que lhe confere o especial significado, assente na experiência das comunidades primitivas quando viviam em ambiente de clandestinidade, até como forma de identificação entre eles: o mais conhecido é o símbolo do *peixe*, com base no acróstico formado a partir da palavra grega “ichthys” (ἰχθυς).¹⁷ Por outro lado, é próprio do símbolo, na dialética nativa da sua origem e no seu processo significativo, desempenhar simultaneamente a função de *presença-ausência*: o símbolo torna o mistério presente, torna o gesto presente, traz ao momento presente a eficácia e o sentido de algo realizado no passado, mas agora ausente. Os sacramentos são a reposição – reprodução de actos e gestos de Cristo,¹⁸ nomeadamente nos milagres, constituídos como base de um simbolismo natural, mas também uma referência histórica. Então, o Baptismo não é apenas um banho ritual de purificação (como era no Antigo Testamento e no Baptismo de João), mas também o é; mais do que isso, é sobretudo na sua prática original de “mergulhar” as pessoas na água, a representação eficaz da morte e ressurreição de Cristo. A celebração dos Sacramentos anda de mãos dadas com o desenvolvimento desta *ordem simbólica*. Concretamente, no Baptismo, esta acção simbólica é realizada num local específico (porta de entrada da igreja, corpo da igreja, batistério) com um conjunto de gestos (sinal da cruz, unção pré e pós-baptismal, imposição das mãos, entrega da vela, imposição da veste branca, etc.). Estes gestos são acompanhados de palavras que apontam para o seu significado e eficácia, despertando para o diálogo e encontro com Deus em Jesus Cristo.¹⁹ As diferentes fases da *iniciação cristã* destinam-se a ajudar o

¹⁵ WALTER KASPER, *o.cit.*, p. 90.

¹⁶ Pela primeira vez utilizado na cidade de Antioquia, o conceito de “cristão” passou a designar o grupo dos seguidores de “Cristo” [gr. “Christos” e hebr. “Messias” que significa “Ungido”]. Por sua vez, “Igreja” vem do gr. “Ecclesia”, palavra que tem raízes no hebraico “qahal” que significa “assembleia convocada”. Daí a definição dada por São Cipriano de Cartago, (*De orat. Dom.* 23: PL 4, 553) e assumida pela *Const. “Lumen Gentium”*: “Povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (L.G. n. 4).

¹⁷ A palavra grega “IXTYS” (ἰχθυς) era lida como sendo iniciais da frase “Jesus Xristos Theou, Yios Soter, ou seja “Jesus Cristo de Deus Filho, Salvador”.

¹⁸ Cfr. HELENE LUBIENSKA DE LENVAL, “La Liturgia del Gesto”, in *Cuadernos Phase*, n. 158.

¹⁹ “A palavra deve ser proclamada a partir da proximidade dos sacramentos, isto é, também em referência à situação aproximada à realidade, de forma concreta. Por sua vez, os Sacramentos devem ser celebrados pela proximidade à Palavra, ou seja, também de forma pessoal e iluminados por uma fé responsável. Isto implica uma certa prevalência pastoral da palavra, através da qual as situações humanas e cristãs originais devem gradualmente tornar-se compreensíveis para nós novamente. Por isso, a pregação cristã hoje também tem uma relevância eminentemente antropológica. Desta forma,

candidato (criança e familiares, neste caso) a “*entrar no jogo*” de Deus,²⁰ por meio dos símbolos, não no sentido de se apropriar ou “manipular” Deus, Jesus Cristo ou os Santos, utilizando-os segundo o seu interesse pessoal e imediato, mas sim – como veremos adiante (ponto 2.) – de se abrir inteiramente a Ele, de pertencer-lhe corpo e alma (Rom 14, 8; 1Cor 3,23; 2 Cor 5, 15).

Em grandes celebrações como a Vigília Pascal, marcada por uma especial dimensão Baptismal, todos os cristãos regressam às suas origens através de uma memória histórica – Precónio Pascal, Leituras, Renovação das Promessas Baptismais – de tal modo que os recém-chegados são de imediato imersos numa “sinfonia” de símbolos: também eles extraídos da terra e da água, suas matrizes originais, são inseridos na sua relação com o mundo criado, convidados para a aventura da fé, chamados pelo próprio nome para responderem livremente, enquanto uma multidão inteira, à sua volta, canta sobre “a ditosa noite” na qual o fogo de Cristo brotou para todos os homens. Ali, a pequenez dos gestos coloca-nos perante a grandeza significativamente infinita do Gesto de que são memória e presença. Em nenhum outro momento, na Igreja, é dado viver a experiência da fé ao nível desta experiência total. Por sua vez, uma simples celebração baptismal é uma espécie de Vigília Pascal resumida pois ali, os gestos são os mesmos, e a Igreja encontra-se toda presente, embora representada apenas pelos pais, padrinhos e alguns convidados. Porém, mais do que a simples dimensão simbólica, o que marca essencialmente a singularidade do Sacramento é a sua eficácia, ou seja: *realiza o que significa*. Assim sendo, o Sacramento do Baptismo não só evoca um significado a partir da simbologia das coisas e dos gestos, mas efectivamente realiza o que significa, na pessoa baptizada. A esta dimensão performativa de gesto e palavra damos o nome de “sinal sacramental” para o distinguir do simples “símbolo”.

2. O Baptismo é proposta de um caminho: a identidade cristã e suas consequências

[Dimensão Moral]

Na memória histórica que acabamos de referir, marca do significado do Baptismo, encontra um alcance especial o diálogo particular de Jesus com Nicodemos relatado pelo evangelista S. João (Jo 3). Curiosamente, um assunto tão importante encontra-se inserido num diálogo particular, realizado de noite, com dois interlocutores apenas, mas isso compreende-se bem no contexto e segundo as características particulares do evangelho joanino: cada acontecimento, cada palavra de Jesus, cada imagem utilizada, coloca o interlocutor, leitor ou ouvinte num patamar diferente com respeito a Jesus:

torna-se um serviço ao ser humano (WALTER KASPER, o, cit., p. 99; cfr. ainda “Gestos e símbolos do Baptismo” em BRUNO FORTE, *I Sacramente e la Bellezza di Dio*, Ed. San Paolo, Milano, 2011, p. 28.

²⁰ Importante será aqui ler algum texto sobre o tema da “Liturgia como Jogo”, presente em autores como Jurgen Moltmann, Romano Guardini, Joseph Ratzinger, sintetizados no meu trabalho exactamente com esse título: “A Liturgia como Jogo” [<https://jorgealvesbarbosa.pt/2023/01/05/a-liturgia-como-jogo/>]

repare-se no desenvolvimento do diálogo e no significado da palavra “nascer”; Jesus está sempre uns degraus acima: parece que, no Evangelho de São João, Jesus está sempre a “desconversar”: com Nicodemos, a Samaritana, Marta... conosco. Mas Jesus está simplesmente a procurar “elevar-nos” com ele, convidando-nos a “entrar no seu jogo”, a perceber a dimensão simbólica de suas palavras e gestos. Por isso, muitas vezes, as pessoas só compreendem mais tarde o alcance das palavras de Jesus que João bem expressa com a frase recorrente: “Então os discípulo9s recordaram-se que Ele tinha dito...” Voltando ao diálogo com Nicodemos na sua relação com o Baptismo: este é, efectivamente, novo nascimento, regeneração, não na incompreensibilidade de um regresso ao ventre materno, mas no facto de cada homem, ao ser baptizado, “regenerado pela palavra de Deus, viva e eterna” (1Ped 1,3-4), assumir um sentido de vida novo, diferente, passando a orientar-se de acordo com aquela voz de Deus que Jesus escutou ao sair das águas do Jordão. No dia do seu Baptismo a cada pessoa baptizada, criança, adolescente, jovem ou adulto é dirigida expressamente esta palavra: “Tu és meu filho muito amado; em ti pus todo o meu enlevo” (Lc 3,22), de tal modo que podemos afirmar com propriedade, como refere o rito da imposição da *veste branca*: “N. agora és nova criatura e estás revestido de Cristo”. Esta ideia de *nova criatura* é particularmente cara a São Paulo que fala de uma “nova criação”.²¹ Para o Apóstolo, o relacionamento do cristão com Cristo encontra um sentido particular no Baptismo: este é o ponto de partida para o diálogo do homem com Deus, assumindo livremente as consequências de uma vida de relação com Cristo, de que o próprio Paulo é exemplo ao utilizar palavras como “apanhado”, “apaixonado”, “enfeitiçado” por Cristo; mesmo que as consequências sejam por vezes dolorosas como as suas Cartas testemunham em palavras como: *corrida, luta, combate, espinho, crucifixão*. Sabemos que, já para os primeiros cristãos, era fácil esquecer as implicações do Baptismo na vida social sobretudo face a um património e tradição cultural de relacionamento com os pagãos; que o digam os coríntios, com os problemas que colocaram ao próprio Paulo, ao lado de outras comunidades de origem grega particularmente trabalhosas para os primeiros responsáveis da Igreja, como Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo de Esmirna ou São Clemente de Roma.²² Mas é o Baptismo que, para além

²¹ “Construído sobre a relação viva e directa entre aqueles que transmitem a fé e os que a aceitam, o Baptismo pretende conduzir aqueles que desejam abrir a porta do coração a Cristo, para que Ele venha habitar ali e transforme toda a vida a partir de dentro, na comunhão da Igreja e no mundo. Para o adulto que pede o Baptismo, é um caminho verdadeiro e adequado de iniciação cristã, que combina catequese com uma experiência progressiva do dom de Deus. Para aqueles que foram batizados em crianças, o caminho coincide com a educação na fé que, em certo sentido, realiza no tempo o caminho proposto por Jesus aos dois discípulos de João Batista, para os tornar plenamente conscientes do dom recebido: Vinde ver” (Cfr. BRUNO FORTE, *o. cit.* p. 31-32).

²² SANTO INACIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Magnésios*, 6,1-9,2). “O dom da vida, oferecido no Baptismo, como qualquer outro dom, precisa de ser aceite: um dom de amizade implica um 'sim' ao amigo e um 'não' ao que não é compatível com esta amizade. Por isso, na celebração do Baptismo somos chamados a dizer 'não' ao pecado e às seduções de Satanás, ou seja, a uma vida baseada nas aparências, egoísmo e mentiras, que nos leva a separar-nos de Deus e dos outros para nos afirmarmos, vivendo a ilusão de sermos felizes sem amar. Ao mesmo tempo, somos chamados a dizer 'sim' ao Deus que é Amor, ao Pai,

de integrar a pessoa na Igreja, lhe confere as raízes de uma vida e identidade própria,²³ identidade essa que é também simbolizada no nome próprio – o nome de Baptismo – particularmente quando este era, ou é, diferente do utilizado em contexto civil – como acontece por exemplo com cristãos japoneses ou coreanos que têm um nome cristão diferente do registado no civil – um nome que é nosso, que nos define, que nos distingue dos “de fora”. Na Sagrada Escritura a mudança de nome adquire um significado particular conferindo uma nova missão, representando, em certo sentido, uma vocação; ao mesmo tempo o “dar o nome” implicava domínio (Gen 2, 20),²⁴ tal como acontece hoje quando assinamos algo que nos pertence. Noutros tempos, a relação do nome com o Baptismo era ainda maior pois apenas nesse momento o nome era escolhido e sobretudo divulgado, ao contrário de hoje em que é proposto, discutido, escolhido meses ou até anos, antes da concepção e registado na própria maternidade no dia do nascimento, sendo reduzido a um mero elemento de registo. Escrevia com propriedade Leonardo Boff: “A linguagem da religião e dos sacramentos quase nunca é descritiva, mas sim evocativa. Narra um facto, conta um milagre, descreve uma *irrupção reveladora* de Deus, para evocar, no homem, a realidade divina, o comportamento de Deus, a promessa de salvação. Quando me encontro diante de um rochedo montanhoso posso descrevê-lo pelo tamanho, pela composição físico-química, numa perspectiva meramente científica, ou o contemplo como evocação da grandeza, da imponência, da força, da majestade, da solidez, da eternidade. Desse modo evoca-me o próprio Deus que também, na Sagrada Escritura, é chamado “rochedo”. É neste horizonte da evocação, da memória, do olhar o passado, presentes nos diálogos de Jesus com os discípulos e com as multidões, que se situa a linguagem religiosa”.²⁵

Como assinalámos anteriormente, as razões do pedido do Baptismo acabavam por definir uma espécie de “Baptismo de medo”, impondo o momento do Baptismo, pelas razões de necessidade conhecidas (pecado original, perigo de morte, salvação eterna); agora, pelo contrário, notamos com mais frequência uma atitude dos pais no sentido de diferir o Baptismo das crianças para uma idade mais avançada, o uso da razão ou

ao Filho e ao Espírito Santo. É o 'sim' expresso pela palavra "credo=sim, creio", com o qual nos entregamos totalmente a Deus, dar a Deus o nosso coração, segundo uma interpretação medieval da palavra “credere = cor dare” (Cfr. BRUNO FORTE, *o. cit.* p. 22).

²³ SÃO JOÃO PAULO II, *Enc. "O Evangelho da Vida"*, n. 31-38.

²⁴ No contexto da cultura bíblica o “nome” representa mesma a essência da pessoa ou, pelo menos, algo com ela relacionado directamente, não sendo algo de arbitrário como acontece na nossa cultura. Por outro lado, é nesse contexto que se entende o facto de algumas pessoas mudarem de nome a partir de uma nova condição ou missão: caso conhecido de Abraão, de Sara, de Simão que é mudado para Pedro ou de Saulo para Paulo e muitos outros casos testemunhados pela Escritura. O mesmo sentido assumia a mudança de nome dos Religiosos outrora, bem como a ainda actual dos Papas.

²⁵ LEONARDO BOFF, *Los Sacramentos de la vida*, Ed. Sal Terrae, 1997, p. 15.

mesmo adolescência, invocando com o argumento de que deve ser o filho e não os pais a escolher ser batizado, quando e se encontrar razões para tal.²⁶ Por razoável que tal atitude possa parecer, à primeira vista, a experiência vai-nos ditando o contrário: primeiro porque nunca se encontrarão na adolescência ou mesmo na juventude, verdadeiras e fortes razões para uma opção tão séria, segundo, porque essa mesma atitude não é tomada relativamente a outros aspectos da vida dos filhos: alimentação, educação, linguagem, escolaridade, etc... e sobretudo porque vamos vendo cada vez mais pessoas que nos procuram sinceramente arrependidas de o terem feito porque, quando chega o momento que elas consideram adequado para pedir o Baptismo, se sentem um pouco constrangidas, não sabem bem o que fazer, e não vêem os filhos a pedir ou a recusar tal opção; mais ainda, não percebem as implicações da administração do Baptismo já com uso da razão ou em adulto: a preparação em catecumenato, o protagonismo da criança e não de pais e padrinhos, etc. Esta atitude não está, afinal, muito longe da ignorância quanto ao significado e alcance das próprias relações sociais, do simbolismo dos gestos e atitudes de que falámos anteriormente. Por outro lado, infelizmente, esta atitude dos pais é seguida por algumas práticas da própria Igreja, motivada pelo desejo de “ter garantias no crescimento na fé, não condicionar a liberdade da criança, os pais estarem dispostos e preparados”, uma atitude que vai ganhando relevo no que respeita à recepção dos vários Sacramentos. Tal atitude ignora que ninguém terá dos Sacramentos um verdadeiro conhecimento senão por meio da própria vivência, ao longo da vida, mas também subverte completamente o itinerário da iniciação e da evolução da vida cristã, de acordo com o que sempre foi a prática e eficaz actuação da Igreja, com base no alcance da chamada “mistagogia”: a recepção do sacramento representava então uma experiência nova inesperada, marcante, chocante mesmo, devido a toda a envolvimento da celebração e ao contacto com a realidade eclesial; o significado e o conteúdo teológico do Sacramento era explicado com base na reflexão a partir da memória sobre a experiência vivida. Este “adiamento” vê-se hoje em dia sobretudo com o Sacramento da Eucaristia – ministrado depois de três anos de uma Catequese completamente e incompreensível, vazia de sentido, que procura explicar realidades que a criança ignora completamente e sobre as quais não tem qualquer experiência vivida, pois nunca “foi à Missa”. Por isso, os pastores admiram-se de que, após a Primeira-Comunhão, uma

²⁶ “É difícil para ele perceber porque é que algumas gotas de água derramadas na testa de um bebé recém-nascido, incapaz de tomar as suas próprias decisões, podem ser decisivas para a sua salvação ou perdição, porque é que algumas palavras ditas por alguém que nada tem a ver com o que aconteceu podem perdoar pecados humanos graves. E depois repreenhe que aqui estamos a lidar com resíduos de uma imagem mágica do mundo” (WALTER KASPER, *o. cit.*, p. 88).

“Gostaria de dizer a esses pais, apelando com todo o amor possível à sua responsabilidade: deram vida natural ao vosso filho sem antes lhe pedir permissão, convencidos de que a vida é um bem a ser dado e amado, e fizeram algo verdadeiramente belo. Agora, ao pedir para o fazer participar na vida divina através do Baptismo, devem estar conscientes do que estão a pedir para assumir com plena convicção o compromisso de o fazer provar e desenvolver nele a vida nova que lhe é oferecida como dom” (Cfr. BRUNO FORTE, *o. cit.*, p. 24).

grande parte desapareça.

Não podemos ignorar que a experiência religiosa decorre desta memória, desta evocação de vivências, de acontecimentos, eventualmente de forma inconsciente, mas presentes como base da personalidade. Em resumo, nas palavras do teólogo Edward Schillebeeckx: “É verdade que a personalidade da criança que recebe os Sacramentos na Infância não está ainda apta para o encontro com Deus; mas também não é pelo facto de a criança não identificar a mãe que esta lhe retira os seus cuidados e o seu reconhecimento. A mãe fala, canta, joga e ri com a criança como se ela compreendesse tudo desde logo. Cada gesto de amor da mãe, junto do bercinho, é como uma espera: a espera de uma resposta o desejo de despertar pouco a pouco uma personalidade. Não é para o mundo das coisas, mas para o mundo das pessoas que a consciência da criança se abre primeiramente. Uma personalidade adormecida desperta perante a ternura dos gestos de amor materno”.²⁷

O mesmo acontece na nossa relação com Deus. Pelo Baptismo, Deus adopta esta “nova criatura”, considera-a e trata-a como filha predilecta e só espera que ela possa responder ao seu amor, tal com a criança responde, a seu modo, ao amor que a mãe lhe dedica, mesmo sem ela o entender. Tal como o crescimento, a educação, a formação humana e escolar, se destinam a uma inserção da criança e do jovem na sociedade dos adultos, é um crescimento na relação com Deus o que desejamos concretizar a partir da celebração baptismal. A inserção Igreja, a pertença e integração numa comunidade cristã, constituem eventualmente o lado mais visível da condição de baptizado, mas muitas vezes reduzido a uma dimensão meramente ética, ou seja, a algo que em pouco o distingue de um não-baptizado ou de um não crente. E daí a rejeição do Baptismo por tanta gente, bem como o perfil altamente contraditório da figura do “católico não praticante”.

No entanto, não esqueçamos que o Baptismo, a condição de cristão implica também esta dimensão ética. O que é que isto significa? Aquele que descobre o Deus dos cristãos e responde à Sua vontade, aquele que se torna discípulo de Jesus e se deixa guiar pelo Seu Espírito, levando a sério o Seu Evangelho, *vê-se transformado no seu comportamento e mentalidade*. Ao responder ao chamamento de Deus, aqueles que se tornam cristãos são convidados a acolher a nova vida de Deus, que se traduz na prática em agir em conformidade com os Mandamentos e em obediência ao Espírito de Deus. Ora este comportamento, esta forma de agir cristão nascem e alimentam-se da fé em Deus; é a manifestação da fé *por meio de obras* pois, como assegura o Apóstolo São Tiago, sem elas “a fé está completamente morta; mostra-me a tua fé sem obras que eu, pelas obras te mostrarei a minha fé” (Tg 2, 18). Portanto, o agir cristão não resulta de qualquer restrição, muito menos de uma imposição, de uma obrigação ou de uma Lei externa; não se trata simplesmente de respeitar um *código de conduta*

²⁷ E. SCHILLEBEECKX, *Le Crist, Sacrement de la rencontre de Dieu*, Ed. Du Cerf, Paris, 1960, p. 124.

como quem deve respeitar o *código da estrada*. O agir cristão está profundamente enraizado na vida daqueles que se tornaram cristãos, como resposta à santidade a que Deus os chama: “Sede Santos porque Eu sou santo” (Lev 11, 14 e 19, 2; 1Ped 1, 16).²⁸ Da mesma forma Jesus apresenta as Bem-Aventuranças como caminho de vida, como itinerário comportamental, como proposta, eventualmente desafio em contramão com as orientações do mundo, e não uma obrigação sem mais: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso pai celeste” (Mt 5, 48). Por isso, recordava o Papa Francisco: “As Bem-Aventuranças são um caminho de vida para aqueles que não depositam a sua confiança nas coisas, mas no amor de Deus; para aqueles que têm um coração simples, humilde, que não julgam os outros. Essas pessoas sabem sofrer com os que sofrem, chorar com os que choram e alegrar-se com os que se alegram. Não são violentos, mas misericordiosos e procuram ser artífices da reconciliação e da paz”.²⁹

Só gradualmente, o cristão vai descobrindo que “guardar os mandamentos de Deus” não representa uma obrigação ou um fardo pesado, muito menos um limite ao exercício da própria liberdade, mas representa precisamente a condição de viver em liberdade, a verdadeira liberdade, liberdade segundo o Espírito e possibilidade de uma vida nova, autónoma e criativa, pois “Jesus libertou-nos da lei do pecado e da morte” (Rom 8, 2). O tom particularmente negativo da linguagem dos Dez Mandamentos, marcado por aquela ladainha de “nãos” vai evoluir, na pregação de Jesus para o Código da Felicidade, expresso na linguagem positiva das *Bem-Aventuranças* – “*Felizes os pobres, os humildes...*” – e que encontra o seu desfecho e ponto mais elevado no *Julgamento* de que nos fala o capítulo 25 do Evangelho de São Mateus: “*Vinde, benditos de meu Pai porque EU tive fome... sede... estava despido... doente...*” e estivestes a meu lado. Como dissemos anteriormente, nos primeiros tempos da Igreja, os que se tornavam cristãos e desejavam ser batizados tinham de abdicar do exercício de certas práticas, modos de vida, expressões de religiosidade, e até profissões incompatíveis com a vida cristã; hoje, o problema de mudar a própria vida surge de uma forma vital, e por vezes dolorosa, para aqueles que fizeram uma iniciação cristã, mas guardam ódio no coração ou se encontram numa situação conjugal não regular em relação à Igreja (divorciados recasados, poligâmicos, homossexuais), ou assumem posições sociais e políticas inconsequentes com os valores cristãos mais básicos: direito à vida, dignidade da mulher, etc. Estas novas situações exigem também uma sensibilidade pastoral que promova não a rejeição ou afastamento de tais pessoas, mas, sem abdicar das exigências da condição cristã, favorecer o seu acolhimento e acompanhamento na fé.³⁰ Por conseguinte, tal como recordou o Concílio Vaticano II, tornar-se cristão implica, comportamentos e posições que, por fidelidade ao

²⁸ Cfr. ILDEBRANDO SCICOLONE, “A iniciação Cristã, chamamento fundamental à santidade”, in BPL, n. 177-178, p. 70-77.

²⁹ Cfr. PAPA FRANCISCO, *Catequeses sobre as Bem-aventuranças* (Janeiro-Abril de 2020).

³⁰ PHILIPPE GUENELEY, “Tornar-se Cristão”, na *Santa Assembleia*, p. 178-184.

Evangelho, produzem ruturas com o espírito dos tempos: o cristão deve agir em favor do respeito por cada homem, seja ele quem for, e rejeitar todas as formas de discriminação; deve também ser defensor da vida, construtor da paz e da justiça, defensor da verdade e direitos humanos, promotor de solidariedade entre os povos. Em suma: tudo o que permita a cada pessoa ser mais responsável, mais livre, mais digna, mais fraterna, é o caminho que quantos se tornam cristãos devem percorrer se quiserem ser consequentes com a sua fé. Num tempo e num mundo como os de hoje, em que a identidade e a presença cristã no mundo se definem tão só por um determinado modo de conduta moral – a mais falada e, porventura, a mais contestada do cristianismo pois é vista como demasiado restritiva e os mandamentos como algo de ultrapassado – é fundamental que os cristãos redescubram e apresentem a Lei de Deus com este sentido de liberdade e caminho de felicidade, tal como é cantada no Salmos 18: *“A Lei do Senhor é perfeita... ela reconforta a alma”* ou no Salmo 119: *“Felizes os que andam na Lei do Senhor e seguem os seus caminhos; como são felizes os que obedecem aos Seus preceitos e o procuram de todo o coração”*.

3. O Baptismo, anúncio de um destino: numa perspectiva de Bem-aventurança...

[Dimensão Teológica]

Elemento fundamental do *Ritual do Baptismo* é precisamente a infusão da água – outrora a imersão – realizada por três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, segundo o mandato de Jesus aos Apóstolos em dia de Ascensão: *“Ide e baptizai...”* (Mt 28, 19). Esta dimensão trinitária confere ao Baptismo o seu grau mais elevado, apontando para a relação do baptizado com o próprio Deus-Trindade. A um jovem que certo dia lhe perguntava o que fazer de bom *para alcançar a vida eterna*, Jesus respondia recordando os Mandamentos na sua relação com a Vida Eterna. Como comenta o Papa João Paulo II, na *Encíclica “O esplendor da Verdade”*: *“na resposta de Jesus, enuncia-se uma estreita relação entre a vida eterna e a obediência aos mandamentos de Deus; são estes que indicam ao homem o caminho da vida e a ela conduzem”* (n. 12); são eles que constituem a primeira etapa necessária no caminho para a liberdade (n. 13); por isso, as consequências do Baptismo são importantes do ponto de vista da identidade, acção e missão dos cristãos, já que *“o aspecto mais significativo da fé é o próprio acto de acreditar”*,³¹ mas vão muito mais além... Portanto, o terceiro passo – melhor diríamos, um salto – que define, de modo mais apropriado, a importância do Baptismo, tem a ver com a passagem da dimensão Moral à dimensão Teológica. No Baptismo, sobre o baptizado, escuta-se a voz de Deus que proclama: *“Este é o meu Filho muito amado no qual pus toda a minha complacência”* (Mt 3, 17), de modo que, como assinala São Gregório de Nissa, *“este novo ser é*

³¹ JOÃO PAULO II, *o. cit.*

concebido pela fé; é dado à luz pela regeneração do Baptismo; é sua mãe a Igreja, que o amamenta com sua doutrina e tradições; o seu alimento é o pão celeste; a sua idade perfeita é a santidade; o seu matrimónio é a familiaridade com a sabedoria; os seus filhos são a esperança; a sua casa é o reino; a sua herança e riqueza são as delícias do Paraíso; o seu fim não é a morte, mas aquela vida feliz e eterna que está preparada para os que dela são dignos”.³²

Mais do que pela mera perspectiva moral – para não dizermos moralizante – com que habitualmente é entendida a vida e presença cristã no mundo, a identidade cristã define-se por esta relação filial com Deus, incrementada pelo conhecimento cada vez mais profundo e consciente da sua Palavra, em Cristo, não por um fanatismo ou ignorância atrevida, característicos de alguns grupos, mas por um conhecimento que faça cada vez mais vida aquela Palavra que antes de ser escrita foi vida também. Nesse sentido, João Paulo II, retomando as palavras da *Const. Conciliar "Dei Verbum"*, diz: “para conhecer a verdadeira identidade de Cristo é preciso que os cristãos regressem com renovado interesse à Bíblia (...) pois, no texto revelado, é o Pai celeste que vem amorosamente ao nosso encontro e se entretém connosco a manifestar-nos a natureza do Filho Unigénito e o seu desígnio de salvação para a humanidade. Precisamos de superar séculos de afastamento e desconfiança a respeito da Bíblia, da sua leitura, e particularmente dos estudos bíblicos. Se não nos poderemos definir como “povo do livro”, à semelhança de judeus e muçulmanos, teremos necessidade de redescobrir a vida que palpita naquelas “palavras de vida eterna”. Como afirma a Constituição Conciliar, “na Sagrada Escritura manifesta-se, salvas sempre a verdade e a santidade de Deus, a admirável condescendência da eterna sabedoria para conhecermos a inefável benignidade de Deus e com quanta acomodação Ele falou, tomando providência e cuidado da nossa natureza”.³³

Sendo verdade que o conhecimento da Palavra de Deus nos permite conhecer melhor Jesus Cristo, como assegurava São Jerónimo com a célebre afirmação de que “Ignorar a Sagrada Escritura é ignorar a Cristo”,³⁴ é pelo Baptismo que se realiza uma incorporação mística, mas real, no corpo crucificado e glorioso de Jesus. Através do sacramento, Jesus une o baptizado à sua morte para uni-lo à sua ressurreição (Jo 15,1), despoja-o do homem velho para o revestir do homem novo”. (JOÃO PAULO II, *Exort. Apost. "Christifideles laici*, n. 12). Sendo uma incorporação na Igreja – como se diz logo no acolhimento da criança à porta da igreja (*Ritual do Baptismo*) e, como tal, algo que representa uma grande dose de responsabilidade, o Baptismo é uma união à pessoa de Jesus Cristo que se realiza e actualiza na fé. Pelo Baptismo, o cristão é destinado a ser morada de Deus, como recorda a *Const. "Lumen Gentium"*: uma morada espiritual (n.

³² SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Sermão "In Christi resurrectionem"*, in *Liturgia das Horas*, Ofício de Leituras de Segunda-feira, Semana V do Tempo Pascal.

³³ *Const. Conciliar "Dei Verbum"* n. 13. Ver ainda n. 22 e 25.

³⁴ SÃO JERÓNIMO, *Comentário ao Livro do Profeta Isaías*, Prólogo.

10), templo espiritual por meio da unção do Espírito Santo, marcado pela presença de Deus, como escrevia S. João: “Se alguém me tem amor guardará a minha palavra, meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23).³⁵

Mas vamos mais longe ainda: enquanto nos incorpora a Jesus Cristo, enquanto nos torna morada de Deus, o Baptismo assume uma dimensão transcendente, um grau mais elevado, digamos: o cristão não é alguém que se limita a seguir uns ritos por meio dos quais se insere na sociedade cristã ou na comunidade eclesial; o cristão não é alguém que se limita a seguir os mandamentos como referência na sua maneira de ser e estar no mundo; pelo Baptismo, o cristão recebe a promessa e garantia, numa perspectiva própria e definida, daquele bem que cada pessoa humana procura, bem que se consubstancia na vida eterna, na felicidade, na salvação, na bem-aventurança: “tudo o que fizerdes por palavras e obras seja tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando graças por ele a Deus Pai” (Col 3,17).

Desta identificação com Jesus Cristo deriva o conceito de missão e de apostolado com a consequente tarefa que a todos é proposta em ordem à transformação do mundo, mas este apostolado, estes compromissos ou tarefas não terão qualquer sentido fora desta profunda união com Cristo. Muito provavelmente, a razão da ineficácia ou frustração que marcam tantas iniciativas e realizações pastorais, origem e sustentáculo de práticas religiosas caracterizadas pela exterioridade, pelo ritualismo e mesmo por um apego a certos costumes e tradições – rondando o chamado *tradicionalismo*, *conservadorismo*, *integrismo* ou *fundamentalismo* – esteja num afastamento desta relação pessoal com Jesus, desta referência fundamental à pessoa do Filho de Deus, mas um Filho de Deus “feito homem, feito carne, de carne e ossos como nós...” As *Bem-Aventuranças* de que falávamos acima – enquanto chave de leitura do próprio discurso de Jesus sobre a Lei de Deus – dizem que o cristão é aquele que, no meio das contradições da vida, sabe não ser esse o seu destino definitivo e representam “atitudes e disposições *de fundo*, próprias da existência humana” (JOÃO PAULO II, *Enc. “Veritatis Splendor”*, n. 16).

Vivendo inserido numa sociedade que vive orientada por um sentido de progresso que ultrapassa os limites da dignidade humana, e por um ideal de vida contruído em moldes de consumo, em vez de tender para o crescimento e a promoção da pessoa humana, uma sociedade onde a busca do prazer imediato se confunde com a felicidade e onde o bem-estar é entendido como realização da pessoa, este modo de “ser cristão” pode, como nunca, ser visto como “sinal de contradição”. Mas foi “contrariando a falta de esperança de uma religião perdida no labirinto de ritos e normas que Jesus soube erguer os olhos ao céu e chamar por Deus como uma criança que fala com seu Pai (Mt 18, 3), com a mesma simplicidade, com a mesma intimidade

³⁵ Cfr. PIERO CODA, “O seguimento de Cristo como inabitação da Trindade, no Evangelho de S. João”, in *Communio* 5(1994), p. 389-404.

e o mesmo abandono confiado".³⁶ E este é, ainda hoje, o escândalo da Fé cristã. O Baptismo faz com que o "ser humano" se transfigure, se eleve a "ser cristão", crer em Jesus Cristo, entendê-Lo e segui-Lo como critério de vida, mesmo que seja um Cristo que se revela particularmente no sofrimento. Reconhecer em Cristo crucificado, cuja imagem veneramos, o Cristo ressuscitado e glorioso, é o desafio lançado hoje, do alto do calvário da sociedade contemporânea, onde os permanentes e acutilantes sinais de morte e desespero nos devem fazer declarar como o Centurião que, diante de Jesus exalando o último suspiro, só conseguiu dizer: "verdadeiramente este era o Filho de Deus" (Mc 15, 37-39).

Ser batizado significa contribuir dia a dia para a instauração do Reino de Deus como reino onde os pecadores são os preferidos, onde os pequenos são os maiores e onde os últimos são os primeiros. Não o reino do poder e da força, mas o reino da debilidade e da graça".³⁷

Ser Batizado, ser cristão significa vencer o desafio permanente da tensão entre o que se vê e o que se afirma; significa saber retirar, da nossa identidade e da graça que nos anima, a força que não só nos leva a acreditar em Deus, mas nos ajuda também a acreditar no homem; significa superar os sinais de decadência e falar em renovação; significa superar os sinais de morte e falar de vida a construir; significa assumir hoje a alegria de dar o próprio contributo para a presença de Jesus no nosso tempo e nos próximos tempos, até à consumação dos séculos.

Tinha acabado de concluir a redacção da presente reflexão, no dia litúrgico de São João Eudes (1601-1680): por mera curiosidade, passei os olhos por um breve excerto do seu *Tratado sobre o Coração de Jesus*, proposto como leitura hagiográfica da *Liturgia das Horas* (facultativo) desse dia. E deparei-me com algo que, de imediato, me fez pensar: "Que boa maneira de concluir!... "Jesus deseja com ardor usar todas as tuas faculdades como dele, para servir e glorificar o Pai; não apenas ele é teu, mas quer estar em ti, vivendo e reinando em ti, tal como a cabeça vive e reina em seus membros. Assim o seu espírito reine em teu espírito, o seu coração reine em teu coração, todas as faculdades de sua alma nas tuas faculdades (...) És um só com Jesus, como os membros são uma só coisa com a cabeça. Portanto debes ter com Ele um só espírito, uma só alma, uma só vida, uma só vontade, uma só intenção, um só coração. Ele será teu espírito, coração, amor, vida... Para os cristãos estas grandes realidades têm origem no Baptismo; aumentam e fortalecem-se pela Confirmação e boa prática das outras graças de que Deus lhes concede; e tudo isto Ele aperfeiçoa principalmente pela

³⁶ J. JEREMIAS, *Abba*,; citado em JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA, "A fé como resposta na Bíblia" in *Communio* 5(1995), p. 393. "A criança encarna a pureza e a inocência, mas sobretudo é o protótipo da necessidade absoluta dos pais para sobreviver. Portanto, o que Jesus trata de inculcar nos seus ouvintes poderia parafrasear-se deste modo: se não aprenderdes a estar diante de Deus como crianças diante do pai, não entrareis no reino" (JUAN RUIZ DE LA PEÑA, *El Don de Dios, Antropologia teológica especial*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1991, p. 243).

³⁷ JUAN RUIZ DE LA PEÑA, *o. cit.*, pág. 247.

Eucaristia”.³⁸ Mesmo para concluir: Poucos dias antes de ser eleito Papa, o Cardeal Joseph Ratzinger, discursando em Subiaco, a 1 de Abril de 2005, afirmava: “O que precisamos neste momento da história, é de homens que, através de uma fé iluminada, tornem Deus credível neste mundo... Só através de homens *tocados* por Deus é que Deus pode regressar aos homens”. Pedir para sermos *tocados* por Deus, permitir-nos-á ser iluminados pela Sua luz e abrir totalmente os nossos corações para que os possa encher d’Ele; isso significa querer viver o nosso Baptismo.³⁹

Leiria, 26 de Agosto de 2026
Jorge Alves Barbosa

³⁸ SÃO JOÃO EUDES, *Tratado sobre o admirável Coração de Jesus*, Lib. 1, 5: *Opera omnia* 6,107.113-115).

³⁹ Cfr. BRUNO FORTE, *o. cit.*, p. 31-32.